

Bryan Ferry  
prepara coletânea  
com 81 canções

PÁGINA 3



Espectáculo revela  
a decadência da  
indústria do sal

PÁGINA 5



Performances  
'invadem' a Baía de  
Todos os Santos

PÁGINA 7



## 2º CADERNO

Reprodução



*O Gordo e o Magro, uma  
dupla que fez história no  
cinema...*

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**I**gnorada por exibidores brasileiros à época de sua estreia em circuito internacional, uma pérola do cinema inglês hoje arrebatou olhares no streaming ao resgatar duas lendas da tela grande: O Gordo e o Magro. Lançado no encerramento do BFI – London Film Festival, na capital britânica, em 2018, “Stan & Ollie”, de Jon S. Baird, junta riso, pranto e memorialismo ao reviver a trajetória de sucessos do magrelo Stan Laurel (1890-1965) e do rotundo Oliver Hardy (1892-1957). É possível encontrar o longa na grade da plataforma Amazon Prime. Sua lúdica narrativa leva o espectador a fazer



Divulgação

*John C. Reilly e  
Steve Coogan em  
'Stan & Ollie', de Jon S.  
Baird, que narra como  
Stan Laurel e Oliver Hardy  
foram uma das  
duplas mais hilárias  
do cinema*

# O Gordo e o Magro PARA SEMPRE

Reprodução



*... Stan Laurel e Oliver  
Hardy atuaram juntos em  
107 produções*

uma viagem no tempo.

A partir de 1927, com o sucesso do filme “Putting Pants on Philip”, Laurel e Hardy formaram uma dupla cômica que, ao longo de 107 produções, mudou a maneira de se fazer humor no cinema. Os atores John C. Reilly e Steve Coogan assumem o protagonismo da cinebiografia destes ícones do riso.

“Já vivi algumas histórias trágicas no cinema, mesmo sendo majoritariamente associado à comédia. É bom sair de uma gaveta fazendo um personagem que congrega, em seus feitos, a memória coletiva de um tempo de transformação na arte”, disse Coogan, em uma passagem pelo Festival de Berlim, quando o projeto começou a sair do papel.

Continua na página seguinte

Filme com John C. Reilly e Steve Coogan resgata os feitos da dupla de comediantes que lotou cinemas entre as décadas de 1920 e 1940

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

O Retiro dos Artistas ocupa área de 15 mil m<sup>2</sup>

## Sesc RJ fecha parceria com o Retiro dos Artistas

O Sesc RJ e o Retiro dos Artistas firmaram parceria para levar serviços e programação aos residentes da entidade artística. A ação fortalece a cultura e a arte, preservando a memória cultural brasileira, além de contribuir para o bem-estar físico e mental dos artistas que vivem na instituição.

O projeto inclui apresenta-

ções de teatro e música, exibição audiovisual, biblioteca, exposição, circuito de dança de salão, cursos e atividades de economia criativa, unidade móvel OdontoSesc e recreação, além de doações de alimentos do programa Sesc Mesa Brasil.

O Sesc RJ também contribuirá para reformas no espaço.

### Cinema autoral

Nesta quarta-feira (14), às 17h30, o cineasta Luiz Carlos Lacerda, o Bigode, ministrará a palestra “O Cinema Autoral: Sua Origem no Neorrealismo Italiano e Sua Repercussão nas Cinematografias Francesa, Brasileira e Latino-Americana”.

### Obras de acervo

Com curadoria de Roseane Novaes, Caleidoscópio – Esculturas é a segunda edição do projeto que contempla e apresenta o acervo artístico sob gestão do Centro Cultural Correios RJ. A mostra será aberta oficialmente nesta quarta-feira.

### Concerto didático

A Escola de Música da Rocinha abre as portas para o seu 3º Concerto Didático. O grupo Toca Emmbra é o convidado da noite desta quarta-feira (14, a partir das 18h30, no auditório do Centro de Cidadania Rinaldo Delamare.

### Estreia literária

Há mais de quatro décadas atuando no cenário musical como cantor, compositor e produtor, Luizinho Lopes lança seu primeiro livro, “Til, A Cobrinha Ortográfica”, que mostra a beleza da poesia de um dos grandes cantautores brasileiros.



Steve Coogan e John C. Reilly em ‘Stan & Ollie’

# Um belo filme mais calcado no afeto do que no riso

**P**opularizado nos anos 2000 com “A festa nunca termina” (2002) e indicado ao Oscar por “Philomena”, em 2014, Steve Coogan, um ator de Manchester famoso por sua verve irônica, interpreta Laurel numa trama centrada na amizade dos dois comediantes. Antes de conhecer seu parceiro Hardy, Laurel já havia feito uns 50 filmes, atuando, escrevendo e dirigindo. Em 1921, os dois se esbarraram nos sets da produção “The Lucky Dog”, mas sem combinarem talentos. Foi depois de fecharam contrato, separadamente, com o produtor Harold Eugene Roach (1892-1992), que eles foram estimulados a trabalhar juntos. Ficaram com Roach por 13 anos e com ele fizeram pérolas como “Cuidado com os Maru-

jos” (1927), “Xadrez para Dois” (1929) e o cult “Dois Birutas na Legião Estrangeira” (1931).

Ovacionado no Festival de Veneza, por seu desempenho no faroeste “The Sisters Brothers” (2018), John C. Reilly foi escalado para interpretar Oliver Hardy acentuando o modo prolífico com que o comediante lidava com o trabalho. Fez quase 250 filmes em sua carreira, sendo que seus maiores êxitos comerciais vieram na dobradinha com Laurel.

“Atuar é buscar o que existe de mais frágil na humanidade de cada um, mesmo quando temos personagens icônicos nas mãos”, disse Reilly, em recente passagem por Cannes.

Calcado mais no afeto do que no riso, o foco de “Stan & Ollie” está na construção da parceria entre Hardy e Laurel e na forma

como os dois consolidaram uma comicidade baseada em gags físicas, com expressões faciais capazes de traduzir as divergências de temperamento entre ambos. Os dois ainda construíram bordões que se popularizaram a partir dos anos 1930, em especial “Well, here’s another nice mess you’ve gotten me into!” (traduzido aqui como “É, você me meteu em mais uma confusão”). O roteiro filmado por Jon S. Baird (da comédia indie “Filth”) acompanha a trajetória do Gordo e o Magro ao longo de toda a ligação deles com Harold Roach (vivido por Danny Huston) e da migração deles para a 20th Century Fox e para a MGM.

Com o êxito de sua passagem pelo BFI – London Film Festival, o belo filme de Baird sobre O Gordo e O Magro ajudou a salas de projeção inglesas a resgatar fenômenos de Laurel e Hardy, como “Cachorro-quente do Oeste” e “Terror em Quatro Rodas” em edições de luxo em DVD. De carona no longa, chegaram ao mercado de editorial de uma série de livros, uns de texto, outros só de fotos, sobre os feitos da dupla. Como eles diziam em seus filmes: “A comédia está só começando”. Agora no Prime Video.

Bryan Ferry (ex-Roxy Music) prepara coletânea que faz recorte de 50 anos de carreira solo mostrando seu lado intérprete, além de hits autorais, lados B e versões em formato de big band num trabalho que demonstra a robustez de sua discografia

**B**ryan Ferry celebra neste 2024 50 anos de carreira solo com uma ampla compilação deste período. Trata-se da coletânea “Retrospective: Selected Recordings 1973-2023”, um álbum de 81 faixas que explora toda a profundidade de sua carreira solo, abrangendo 16 álbuns. Já disponível para pré-venda (vinil, CD e edição de luxo com 5 CDs) e pré-save nas plataformas digitais, o calhamaço tem lançamento previsto para 25 de outubro e tem como cartão de visitas o single “She Belongs to Me”, uma versão da famosa canção de Bob Dylan, já nas plataformas.

O trabalho destaca a jornada musical única de Ferry, desde versões de músicas do Velvet Underground, Tim Buckley e Amy Winehouse até composições próprias como “Star”, seu primeiro single inédito em mais de uma década.

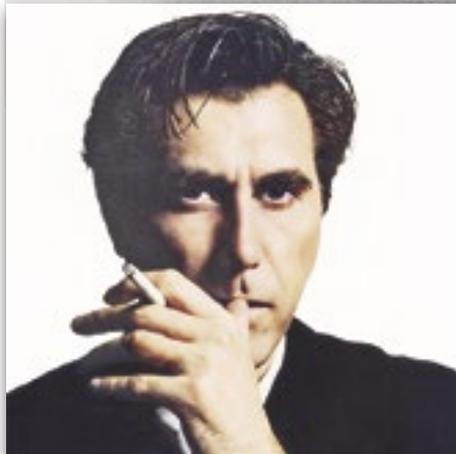
Bryan Ferry ganhou reconhecimento pela primeira vez na década de 1970 como criador, cantor e principal compositor da lendária banda Roxy Music. Sempre inquieto, inspirando-se em arte, cinema, poesia, literatura e amor, ele gravou 24 álbuns ao longo de uma carreira que já dura seis décadas, sempre com espírito vanguardista.

Artista de influência duradoura, Ferry recebeu em 2011 a Ordem do Império Britânico por sua contribuição à música. Em 2012, ele recebeu a honraria nacional francesa de Officier de l’Ordre des Arts et

# Uma carreira passada a limpo

*Ferry reúne 81 faixas no projeto dividido em cinco álbuns (capa abaixo)*

Divulgação



des Lettres. Em 2014, foi nomeado Doutor Honorário em Música pela Universidade de Newcastle. O Roxy Music foi incluído no Rock and Roll Hall Of Fame em 2019.

“Retrospective: Selected Recordings 1973-2023” reforça sua capacidade de

interpretar e reinventar canções de diferentes épocas e estilos, consolidando seu lugar como um dos principais intérpretes da história da música. A versão em CD é dividida em cinco álbuns, representando diferentes eras do artista. O primeiro, “The Best Of Bryan Ferry”, apresenta 20 faixas essenciais, incluindo os grandes sucessos “Slave To Love”, “The ‘In’ Crowd” e “Let’s Stick Together”.

Já “Compositions” examina o período de 1977-2014, mostrando a evolução de sua arte com canções como “Can’t Let Go” e “The Only Face”, destacando o tema constante do amor e seu preço. “Interpretations” celebra a habilidade de

Ferry em reinventar músicas de outros artistas, como “What Goes On” do Velvet Underground.

O volume intitulado “The Bryan Ferry Orchestra” explora o projeto conceitual iniciado com o álbum “The Jazz Age”, de 2012, no qual Ferry reimagina suas próprias músicas como se tivessem sido gravadas por uma big band dos anos 1920. Para encerrar em grande estilo, “Rare and Unreleased” reúne lados B, extras, curiosidades e outtakes, incluindo uma regravação de “Mother Of Pearl”, do Roxy Music, e “Don’t Be Cruel” com os membros originais da banda de Elvis Presley.

# Pedras no meio do caminho

Poemas de Carlos Drummond de Andrade inspiram a dramaturgia de 'Não se Mate', texto que marca a estreia do ator e diretor Giovanni Tozi como dramaturgo

**U**ma pedra no meio do caminho pode ser um problema que imobiliza ou apenas um motivo de desvio por uma rota surpreendente. Carlos enfrenta um momento complicado de perdas e não consegue se livrar da sensação e imobilidade. Não se sente motivado pra nada. A partida da mãe, o término com a namorada e a dispensa do trabalho foram gatilhos para um quadro depressivo que quase o fez desistir de tudo.

Esse é o ponto de partida de "Não Se Mate", espetáculo que faz sua estreia nacional no Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil. A peça marca a estreia do ator, diretor e produtor Giovanni Tozi como dramaturgo. O título é inspirado no poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade, lançado em 1962 como parte da "Antologia Poética" organizada pelo próprio autor. A narrativa também incorpora outros poemas icônicos de Drummond, como "Poema das Sete Faces", "E agora José" e "Uma Pedra", entrelaçando-os com a história.

Drummond é um dos mais importantes autores brasileiros e um grande colaborador para a vanguarda modernista que revolucionou a literatura no Brasil. Equilibrar a fluência entre o erudito e o popular é o primeiro desafio de Leonardo Miggiarin, que busca alinhar a frequência dos poemas de Drummond à dramaturgia humorada e futurista de Tozi.

O autor conta que os poemas foram sendo incorporados ao texto de forma muito natural. "Tentei fazer com que minha vontade pessoal não se sobressaísse ao que a obra me pedia. Dessa forma, procurei escutar o personagem e, mesmo sendo muito fã dos poemas de Drummond, me contive ao que era indispensável na

condução da história", explica o artista.

Outros dois elementos norteiam o texto escrito por Tozi: a noção de causalidade, levantando questões sobre livre-arbítrio, determinismo e a natureza da realidade; e as viagens no tempo, trazendo a hipótese de mudar passado e futuro mutuamente, criando uma rede intrincada de causalidade circular onde tudo está conectado.

Na história, Leonardo Miggiarin interpreta Carlos, um artista plástico que atravessa um momento complexo de perdas que afetam diretamente seu equilíbrio emocional. Apesar do tom humorado, em que o personagem ainda consegue rir de si mesmo, o texto propõe um mergulho psicológico e traz à tona o drama dos jovens que, por não enxergarem razões para viver, decidem tirar a própria vida.

A abordagem psicológica do texto ganha força graças ao entendimento e à intimidade de Miggiarin com o tema, já que ele é formado em psicologia. Atualmente, Miggiarin concilia a carreira de ator com atendimentos clínicos e, durante a pandemia, realizou uma pós-graduação em psicodrama. Sobre esse interesse, o ator comenta: "Sempre quis estudar psicologia antes mesmo de pensar em ser ator. Mas a carreira na atuação surgiu de surpresa e deu certo, então aproveitei ao máximo, pois é algo que amo e me realiza muito. Neste momento da minha vida, a psicologia está a serviço da arte."

"Não Se Mate" tem suas origens nos tempos de pandemia, quando foi lançada uma primeira versão. Leonardo Miggiarin divide a cena, de forma virtual, com o veterano Luiz Damasceno, que completou 80 anos em 2021. Consagrado nos palcos, Da-



Priscila Prade/Divulgação

**Leonardo Miggiarin em cena em 'Não se Mate', inspirado em poemas de Drummond**

masceno interpreta José, um homem misterioso que começa a enviar mensagens para o celular de Carlos.

Damasceno e Tozi já são parceiros de trabalho há tempos. Em 2009, estrearam como pai e filho em "O Colecionador de Crepúsculos", de Vladimir Capella; interpretaram o mesmo homem em diferentes idades em "Pergunte ao Tempo", de Otavio Martins; foram dirigidos por Jô Soares, lutando em lados opostos em "Tróilo e Créssida", de William Shakespeare; e participaram juntos de várias outras produções.

"Os trabalhos de teatro que mais me fizeram feliz sempre têm a participação do Damasceno. Eu brinco que ele é meu pai teatral, porque aprendo tudo com ele. Nunca pensei que um dia eu fosse dirigi-lo, e agora que aconteceu, percebo que os grandes atores, além dos recursos técnicos e do talento nato,

possuem uma generosidade imensa e um respeito absoluto em transmitir o essencial deste ofício", elogia Tozi.

Além de uma sólida carreira como ator, Tozi neste trabalho idealiza, produz, dirige e agora assina a dramaturgia: não vê fronteira entre um ofício e outro. "Sei que sou um homem de teatro e que no teatro e do teatro quero viver. Enquanto os deuses me permitirem fazer tantas coisas, me oferecendo oportunidades e saúde, vou aproveitar. Como bem disse Drummond: 'Hoje beija, amanhã não beija, depois de amanhã é domingo e segunda-feira ninguém sabe o que será.'"

## SERVIÇO

NÃO SE MATE

Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro II (rUA PRIMEIRO DE MARÇO, 66 - Centro)

Até 26/8, às segundas, quintas, sextas e sábados (19h) e domingos (18h)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Espetáculo concebido e escrito por Adassa Martins resgata vivências de sua infância na Região dos Lagos

**H**á aproximadamente 30 anos, numa salina em processo de desativação nos fundos da casa da artista Adassa Martins, em Cabo Frio, na Região dos Lagos, ainda era possível brincar entre as quadras de água salgada, subir e descer pequenos montes de sal - e até levar um punhadinho para sua avó cozinhar. Contudo, as salinas já estavam em decadência na região, devido à mecanização dos modos de produção do sal e do mercado imobiliário a pleno vapor na localidade. Partindo dessas vivências e memórias nasceu “Sal”, espetáculo idealizado e dirigido por Adassa que estreia nesta quinta-feira (15), no Mezanino do Sesc Copacabana, marcando ainda sua estreia como dramaturga.

Tendo no elenco Miwa Yanagizawa, Laura Samy, Tati Villela e a própria Adassa, o espetáculo narra o reencontro inesperado de um velho trabalhador do sal, em sua salina decadente, com seu filho que, ao chegar, também reencontra um grande amigo do passado. O pai é um dos únicos que ainda restam numa comunidade que vive da salina há gerações. Esse encontro traz à tona a antiga relação entre eles, apartada por 10 anos de distância, e a relação com aquele lugar, suas memórias, sua história, e toda a transformação que a região sofreu com o passar dos anos.

O desejo de falar sobre uma das práticas econômicas mais relevantes da história do Brasil, as mãos que fundaram e que sempre sustentaram o país, deu impulso a levar aos palcos as histórias que



A decadência da indústria salineira na Região dos Lagos é o ponto de partida do espetáculo ‘Sal’

# Transformações na terra do sal

pouco são contadas e lembradas, as histórias por detrás da História. “A história do sal na Região dos Lagos é a disparadora desta ficção, e nosso desejo é trazer um trabalho que reflita sobre relações familiares, relações de gênero em espaços tidos como essencialmente masculinos, a estrutura de uma sociedade que enrijece relações de afeto entre homens e discrimina existências que fujam aos padrões da heteronormatividade, a ação exploratória e massacrante do capitalismo, que passa soterrando outros modos de viver e existir, as relações de trabalho e a luta de classes no Brasil”, resume Adassa.

“É uma experiência inédita em vários aspectos pra mim, mas que conserva o que mais me interessa como artista: reunir pessoas di-

ferentes para que se achessem e respondam criativamente às provocações da nossa sociedade, de temas que afetam nosso estar no mundo. As atrizes são também autoras de uma escrita cênica que transita entre a ficção e um caráter investigativo do jogo teatral”, comenta Adassa.

Uma das grandes inspirações para o projeto é a Casa da Flor, patrimônio de São Pedro d’Aldeia tombado pelo IPHAN, criada e construída por Gabriel Joaquim dos Santos e seus cadernos da década de 1960. Seu Gabriel, ex-saliniereiro, usou conhecimento empírico para construir uma casa feita de cacos. Seu sobrinho-neto, Valdevir Soares dos Santos, é o atual guardião da Casa, e faz uma visita guiada que carrega em si toda a ri-

queza de seu patrimônio imaterial. Seu Vivi, como é conhecido por todos na região, integra a equipe com uma participação especialíssima de voz em off.

“Os cadernos de seu Gabriel, também preservados pelo IPHAN e que chegaram até mim através do artista e pesquisador Bruno Peixoto, fizeram parte da pesquisa para o espetáculo. Um poema registrado em um dos cadernos foi musicado pelo Diretor Musical e criador da trilha sonora, Arthur Braganti, e está presente na peça”, antecipa Adassa. “Sal” apresenta o universo das salinas, sendo o sal uma substância presente na vida das pessoas, conhecido como “ouro branco” por séculos, uma matéria de grande importância na economia do Brasil, cujo universo

talvez seja pouco conhecido.

“Este espetáculo é uma homenagem à vida das pessoas do sal, dos verdadeiros donos daquelas terras, do conhecimento para sua produção, da força produtiva e cultural que moveu toda essa engrenagem. A expectativa é que o trabalho chegue ao público na intensidade que chegou para nós, e siga se desdobrando para além da sala do teatro. Como um primeiro projeto próprio, falar sobre minhas origens, a terra onde fui criada, as lembranças das paisagens salineiras, a ‘gente do sal’ cabofriense, é motivo de muito orgulho. Este foi um projeto gestado durante muitos anos e construído com muita dedicação, pesquisa e trabalho”, conta Adassa Martins.

## SERVIÇO

### SAL

De 15/8 a 8/9, se quinta a domingo (20h30)  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)  
Mezanino do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Reprodução Globoplay



Cena de recente comercial inserido na trama de 'Renascer' com os personagens Teca e Pitoco

# Dramaturgia de merchandising

Reta final de 'Renascer' quase se confunde com os intervalos comerciais por conta das exageradas inserções de produtos dentro da trama do remake

Por Thiago Stivaletti (Folhapress)

**T**eca, a mãe da criança herdeira de José Inocêncio, presenteia seu amigo Pitoco com um kit do Boticário. O rapaz acaricia a caixa como se dentro houvesse um colar de diamantes, e a câmera dá um close nos três produtos da marca. Norberto, o dono do bar local, exhibe uma garrafa grande de Coca-Cola para a câmera e diz ao amigo Rachid: “Essa daqui, ó, é da retornável! Depois que acabar, você devolve a garrafa e só paga pelo líquido!”. Enquanto isso, Rachid e Dona Patroa enfeitam o carro que levará os noivos Zé Augusto e Buba com dezenas de latinhas de Coca.

Reza uma antiga frase do show business

que a literatura é a arte do autor, o cinema é a arte do diretor, o teatro é a do ator, e a televisão... é a arte do patrocinador. Essa festa do merchandising —ou simplesmente “merchan”, como se diz no mundo da TV — não está rolando no Leblon de Manoel Carlos ou na São Paulo de Silvio de Abreu, mas na Ilhéus de Benedito Ruy Barbosa e seu neto Bruno Luperi. Na nova Globo, uma novela ambientada numa fazenda de cacau e numa pequena vila rural do sul da Bahia não é mais impedimento para anunciar qualquer produto que seja.

O exemplo mais ostensivo aconteceu no capítulo da última segunda, quando o publicitário Eriberto (Pedro Neschling) viajou do Rio à Bahia a bordo do novo carro elétrico da BYD. A cena começou mostrando o painel

digital do novo modelo, no qual ele tentava fazer uma ligação para Kika. Depois de a marca aparecer bem visível no volante, uma bela panorâmica mostrou o carro rodando por uma estrada de terra — não dava pra ver a diferença das imagens que vemos no intervalo comercial.

E a coisa continuou nos diálogos. Ao encontrar Kika, o publicitário diz em alto e bom som, de dentro do carro: “Sou eu, em carne, osso e 235 cavalos de potência. Presta atenção no barulho! Não tem! É a cavalaria mais silenciosa que eu já vi. E eu não vou nem falar da autonomia, amor! Eu vim de São Paulo até a Bahia e só precisei parar uma vez, acredita?! Vou procurar uma tomada para deixar ele carregando e já volto...”

Eriberto é o exemplo vivo dessa nova fase: um personagem movido a merchan. Desde que se livrou de Eliana, o rapaz sumiu da novela, e agora engatou um improvável interesse em Kika, ex de Zé Bento. Sua desculpa para chegar na fazenda de Zé Inocêncio a bordo do novo carrão foi grudar na nova amada. Quando o coronel lhe pergunta “E você,

pretende ficar aqui até quando?”, por um momento achei que a resposta fosse “Até a BYD pagar o merchan da volta”.

A publicidade vem invadindo as novelas nos mais diversos formatos. Já há alguns anos, desde a pandemia, o espectador da Globo se acostumou com a vinheta “No capítulo anterior...”, que termina com “Em 30 segundos, fique com o capítulo de hoje”. Nesses 30 segundos, uma inserção comercial. Também está em teste uma nova ação em que os atores fazem um merchan dentro de uma novela; entra a vinheta chamando o comercial; e os mesmos atores aparecem no primeiro anúncio do intervalo comercial, dando continuidade à propaganda.

As cenas de merchan dentro da novela, que misturam a ficção dos personagens com publicidade, há tempos ganhou um nome no mercado: “product placement”, ou inserção de produtos. Nos EUA, há dezenas de agências especializadas em criar um conteúdo que se encaixe de forma “orgânica” em filmes, séries e reality shows. O trabalho envolve roteiristas de um lado e publicitários do outro.

No Brasil, esse mercado está apenas dando os primeiros passos. OK, espectador de TV é um bicho doutrinado, que se acostuma com (quase) qualquer coisa. Mas convém não exagerar: para manter a elegância, a emissora poderia se ater a um merchan por capítulo, no máximo.

Quando são dois no mesmo dia, como aconteceu na última quinta (8) com os anúncios de Boticário e Coca-Cola, mesmo o mais desavisado dos espectadores sente a mão pesada — e a dupla ação pode causar mais rejeição do que vontade de comprar os produtos.

Para não dizer que as novas estratégias visam apenas enfiar produtos goela abaixo do espectador, “Renascer” também está servindo de plataforma para aquilo que poderíamos chamar de “publicidade do bem”. Numa ação de merchandising social, a novela deu uma aula ao público sobre crianças intersexo, que nascem com a chamada genitália ambígua.

Buba e Zé Augusto, pais da criança gerada por Teca, citaram a Abrai (Associação Brasileira Intersexo). E no capítulo de 12 de junho, o Boticário apresentou uma campanha de sustentabilidade “invadindo” a abertura da novela, que teve suas imagens trocadas por outras de desmatamento e poluição do planeta, com uma mensagem na tela ao final e o link do projeto.

Gostemos ou não, os novos caminhos da publicidade nas novelas vieram para ficar. Mas convém ficar alerta para que as ações se mantenham num trilho aceitável, sem comprometer o conteúdo principal.

Registros de performances realizadas em Salvador chegam ao Sesc Niterói na mostra 'Projeto Invasões'

**E**m cartaz no Sesc Niterói, a exposição "Projeto Invasões" apresenta um conjunto de trabalhos — entre vídeos, fotos e objetos — produzidos entre 2017 e 2024 pela dupla baiana de artistas Lucas Feres e Lucas Lago, tensionando a relação entre cidade, memória e poder.

A investigação dos artistas interdisciplinares enquadra a Baía de Todos os Santos, em Salvador, como um território permeado por tensões e disputas, recorrendo ao imaginário das invasões marítimas coloniais para revelar as múltiplas camadas que compõem a região.

A mostra discute as ressonâncias entre o projeto colonial e os atuais processos de especulação, cercamentos, esquecimentos e ocultamentos nessa paisagem. Depois de uma primeira montagem em Salvador, em 2018, o projeto chega a Niterói, estabelecendo um paralelo conceitual e geográfico entre a Baía de Todos os Santos e a Baía de Guanabara.

Parte do material exposto resulta de uma série de performances realizadas entre 2017 e 2018, nas quais a dupla de artistas "invadiu" três pontos da Baía de Todos os Santos: a praia do Museu de Arte Moderna da Bahia, o complexo turístico Bahia Marina e o Forte de São Marcelo. A escolha desses locais considerou o fato de que o acesso a cada um desses espaços estava completamente ou parcialmente vedado à população no momento da execução do trabalho. As invasões foram realizadas pela figura mítica da "santa vermelha", fosse ela encarnada no corpo de um dos artistas, bordada em um estandarte ou ainda como uma escultura em gesso.

Para esta montagem no Sesc Niterói, contemplada pelo edital Sesc Pulsar 2023/2024, a dupla produziu obras inéditas que exploram a articulação entre as baías, com base nas narrativas de origem Tupinambá de ambas.

Segundo a curadoria da exposição, realizada pelos historiadores da arte Joyce Delfim e Nathan Gomes, os artistas inscrevem seus trabalhos no passado colonial das cidades de Salvador e Niterói através do



*Parte do material exposto resulta de uma série de performances realizadas entre 2017 e 2018, nas quais a dupla de artistas "invadiu" três pontos da Baía de Todos os Santos*

uso do termo invasão, em oposição à ideia de 'descoberta' ou 'encontro'. "Dessa forma, evidenciamos como diferentes camadas de tempo estão presentes nas paisagens da Baía de Todos os Santos e da Baía de Guanabara. O recurso ao imaginário cristão, tanto pela figura da santa vermelha quanto pelas procissões marítimas, ressalta como festividade, humor e ironia são conceitos operatórios

utilizados no processo de investigação artística de Feres e Lago", explica Joyce. "Ao mesmo tempo, apontamos para a permanência de estruturas de poder e formas de invasão colonial em territórios originalmente indígenas e nas periferias urbanas, por meio da especulação imobiliária. A curadoria busca abordar os trabalhos de forma a discutir as relações entre paisagem e poder, bem como

as formas insubmissas de ocupação do espaço público", complementa Nathan.

#### SERVIÇO

#### PROJETO INVASÕES

Galeria de Arte do Sesc Niterói (Rua Padre Anchieta, 56 – São Domingos)  
Até 9/11, de terça a sábado (10h às 16h)  
Entrada franca

## Tecnologia e calor humano. Têm que estar sempre juntos.

Uma empresa que há 42 anos administra  
uma liderança imbatível de mercado tem que  
entender muito de administração.

Protel. A administração condominial que une  
tecnologia com calor humano no atendimento.

Síndicos felizes recomendam.

Vai ser eficiente assim lá em casa.

**PROTEL**

ADMINISTRAÇÃO DE CONDOMÍNIOS.